

O Sagrado Feminino no Cristianismo  
Professora Lidice Meyer — Lusófona

Em roda de Sheela-na-Gig

Diana V. Almeida  
[dianavalmeida.com](http://dianavalmeida.com)  
junho 2021



Sarah Lucas, *Sheela-na-Gig* (2012)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Imagem retirada de “Sarah Lucas in Mexico City”, Phaidon.  
<https://fr.phaidon.com/agenda/art/picture-galleries/2012/may/21/sarah-lucas-in-mexico-city/?idx=7&idx=7>

Sanita de cimento, collants, enchimento, tijolos de adobe  
Escultura : 48 x 58 x 38 cm. Pedestal: 90 x 44 x 44 cm. Total: 138 x 58 x 44 cm

"I've been trying to show you over and over // Look at these my child-bearing hips / Look at these my ruby-red, ruby lips / Look at these my work-strong arms / You've got to see my bottle full of charm / I lay it all at your feet / You turn around and say back to me / He said // Sheela-na-Gig, Sheela-na-Gig / You exhibitionist!"

P. J. Harvey, "Sheela-na-Gig" (1992)

No verão de 1993, imersa na brutal candura dos primeiros amores, ouvi P.J. Harvey (1969-) caindo das colunas dispostas pelas várias divisões de um apartamento minimalista em Berlim, onde pernoitava a caminho do outro lado do muro recém derrubado, aberto a uma paisagem cinzenta. A voz oscilava entre sussurros gemidos e gritos marcados por *riffs* de guitarra, numa revolta raivosa, em letras que falavam de dor e desacerto, indício proléptico para um desfecho breve. O *single* "Sheela-na-Gig" é o diálogo entre uma figura feminina forte que oferece a sua sensualidade sem pejo e um homem enojado com esse corpo aberto ao prazer.

Os mistérios da sexualidade feminina desde há muito causam terror e espanto, levando à idealização da mulher como benéfica deusa da fertilidade e da abundância (cornucópia encantada) e à sua demonização como via de morte e decadência. A vulva simboliza, então, o limiar entre génese e extermínio, tendo sido reduzida, ao longo dos violentos milénios patriarcais no Ocidente, à função de mero instrumento procriador ou ao símbolo máximo do desvio pecaminoso. A percepção da superioridade do espírito sobre a matéria, da cultura sobre a natureza, relegou a mulher para segundo plano, numa dualidade conceptual que estruturou a misoginia institucionalizada (ainda hoje evidente em vários campos, desde a medicina às normas jurídicas).

As ambíguas Sheela-na-Gigs adornam igrejas, mosteiros e fortalezas românicas tanto na Europa continental, como na Irlanda e no Reino Unido — a mais famosa encontra-se em Kilpech, uma igreja construída sobre uma nascente e adornada com representações provavelmente oriundas do Médio-Oriente (devido ao seu fundador ter participado nas Cruzadas). Estas esculturas em baixo relevo representam uma mulher que exhibe a genitália proeminente (e desproporcional

em relação ao corpo) e, muitas vezes, abre a vulva com as mãos, em contraste chocante com o tronco emaciado e o rosto grotesco, apresentando traços de velhice.

As primeiras interpretações desta figura, datadas do séc. XVIII, consideravam-na uma condenação da luxúria — tese que falha, entre vários motivos, pelo facto de muitas das esculturas se encontrarem em locais elevados, com pouca visibilidade para os membros da congregação. Posteriormente, já nas primeiras décadas do séc. XX, considerou-se que Sheela-na-Gig poderia aludir a cultos de fertilidade celtas em que, para ser coroado, o rei teria de acasalar com uma velha, que depois da cópula rejuvenescia (a legitimação da sucessão masculina através da linhagem feminina evoca o papel de Ísis no Antigo Egito). Outras teorias defendem que esta personagem desempenha uma função apotropaica, servindo o seu exibicionismo para proteção contra demónios e outras entidades facilmente demovidas dos seus intuitos maléficos pela súbito horror da vagina exposta (uma teoria bastante freudiana, diga-se de passagem). Sheela-na-Gig foi ainda colocada na linhagem das deusas da fertilidade que garantem vasta prole e protegem as mulheres na gestação e no parto, sendo, assim, guardiã do portal da vida e da morte. Há ainda quem aponte a sua proximidade iconográfica com Baubo, personagem dos mitos órficos que espanta a dor de Perséfone pela perda da filha através do gesto obsceno de levantar as vestes para expor a púbis, numa encenação que aponta ainda para o apanágio de uma sexualidade prazerosa. Daí a recuperação desta figura pelo feminismo contemporâneo, como exemplifica o Project Sheela — iniciado em 2020, já assinalou nas ruas de Dublin vinte e quatro lugares que pretendem alertar para a desigualdade de género, honrar a memória de figuras femininas ignoradas pela história oficial e, claro, celebrar a sensualidade feminina através da Street Art.

Sarah Lucas (1962-), proeminente representante da geração conhecida como Young British Artists, recriou em 2012 esta figura a partir do jogo com meias de nylon, representando a vulva e dois seios, encaixadas numa sanita de cimento colocada sobre tijolos de adobe. *Sheela-na-Gig* insere-se na série *Nuds* e com ela partilha diversas estratégias significativas que me escuso de elaborar.

Aqui, por um lado, o pedestal brinca com a apresentação clássica da obra de arte, elevada além do mundo da vulgar banalidade para melhor ser contemplada pela audiência — tenha-se em conta que as primeiras esculturas de Lucas são apresentadas no chão ou sobre materiais quotidianos, como mesas ou cadeiras (*objects trouvés*). Por outro lado, esta coluna alude às estruturas arquitetónicas complexas onde se inserem muitas das Sheela-na-Gigs — o modo como os tijolos estão dispostos em três camadas com orientação distinta (a primeira e a última com a face mais estreita para a “parte da frente” da escultura e a do meio com a face mais larga) reforça a ideia de construção. Note-se ainda, em relação a esta componente da obra, que a escolha do adobe reforça a ideia de antiguidade e também de uma certa rudeza associada aos traços primitivos desta figura feminina.

A sanita cita a *Fountain* (1917), de Marcel Duchamp (1887-1968) — um dos mais famosos gestos iconoclastas da arte do século XX —, mas a escolha do material denuncia um estudado distanciamento que insere a obra na contemporaneidade e, em simultâneo, lhe retira utilitarismo, visto tradicionalmente as peças da casa de banho serem de cerâmica. As formas desta sanita remetem à *vessica pisces*, também presente na posição dos braços de diversas Sheela-na-Gigs, numa espécie de *mise-en-abîme* em que a vulva se encontra simbolicamente enquadrada dentro de outra vulva, sublinhando o agenciamento cósmico feminino. A divisória em meia lua que sustém os seios sublinha o carácter não funcional desta peça (em contraste com a linguagem inicial da artista, mais próxima da lógica do *ready-made* conceptualista, combinado com as abordagens da Art Pop) e introduz um outro signo do sagrado feminino, remetendo para ciclicidade lunar que rege o mês-truo. É curioso este elemento separar o corpo, colocando os seios numa espécie de nicho, e remetendo para as representações da *Madona Lactans* em que o peito materno tinha uma relevância visual que provocava um quase desmembramento, visto a sua representação ser hiperbolizada, enquanto o resto da figura obedecia a proporções que se pretendiam mais realistas.

Esta descontinuidade sublinha ainda a total reificação do corpo feminino, separado nas suas componentes sexuais por um olhar voyeurista, um tópicu recorrente na obra de Lucas. Também o uso de meias de nylon indicia uma

crítica a modos de construção da feminilidade que procuram homogeneizar a pele e moldar as formas, num jogo erótico entre ocultação e transparência. Lembrando as esculturas biomórficas de Louise Bourgeois (1911-2010), a *Sheela-na-Gig* de Lucas emerge num movimento confuso em que os membros são difíceis de definir, o que constitui uma dupla crítica à hipersexualização do corpo feminino e, por contraste absoluto aqui, à sua representação perfeccionista no circuito comercial das revistas de moda ou dos filmes *mainstream* (Cindy Sherman (1954-) usou uma tática idêntica nalgumas das suas produções fotográficas no início da década de 1990, em especial na série que explora *clichés* pornográficos). Assim, embora o título da escultura nos leve a querer ler a parte inferior do corpo aqui representado como uma vulva descomunal, é notória uma ambivalência no modo como os membros se contorcem (aludindo talvez a algumas das *Sheela-na-Gigs* que aparecem em posturas mais circenses).

Tal como PJ Harvey reconstrói esta figura num contexto contemporâneo, descrevendo os jogos de poder predatórios presentes nas dinâmicas sexuais, Sarah Lucas opera uma recontextualização provocatória de materiais do quotidiano, apontando, em última instância, para a dinâmica entre Eros e Thanatos. Talvez esta seja, afinal, a mensagem de *Sheela-na-Gig*, alertando para a proximidade entre os extremos e para a nossa impermanência do mundo.

#### Bibliografia consultada

Todos os acessos ocorreram dia 15 de junho de 2021.

Fateman, Joanna. "Sarah Lucas". 4Columns, 10.05.18  
<https://4columns.org/fateman-johanna/sarah-lucas>

Freitag, Barbara. *Sheela-na-Gigs: Unravelling an Enigma*, Routledge, 2004.  
<https://www.taylorfrancis.com/books/oa-mono/10.4324/9780203567067/sheela-na-gigs-barbara-freitag>

Harvey, P. J., "Sheela na Gig", 2º single do álbum *Dry*, fev. 1992. Vídeo de Maria Mochnacz.  
[https://www.youtube.com/watch?v=Sjxr\\_No-yuY](https://www.youtube.com/watch?v=Sjxr_No-yuY)

Jansen, Charlotte. "How Artists Reclaimed Pantyhose to Make Provocative Sculptures". Artsy Net, Oct. 1 2019.

<https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-artists-reclaimed-pantyhose-provocative-sculptures>

Kilpeck Church: The Church of Saint Mary and St. David, Herefordshire

<https://kilpeckchurch.org.uk/>

Lévy Gorvy Art Gallery. Exposição "Meta Visceral", Londres, junho 2021

<https://www.levygorvy.com/works/sarah-lucas/>

National Museum of Ireland — Sheela-na-Gig-3D

[https://www.digitalheritageage.com/snag\\_nmi](https://www.digitalheritageage.com/snag_nmi)

O'Hare, Maureen, "What history got wrong about the 'female Saint Patrick'". CNN, 16, March 2021

<https://edition.cnn.com/travel/article/sheela-na-gigs-ireland/index.html>

Project Sheela

<https://www.projectsheela.com/>

Stevens, Jane, "Big Vagina Energy: The Return of Sheela na Gig". *The Guardian*, 8 March 2021

<https://www.theguardian.com/world/2021/mar/08/big-vagina-energy-the-return-of-the-sheela-na-gig>

The Art Story — Sarah Lucas

<https://www.theartstory.org/artist/lucas-sarah/>

The Sheela Na Gig Project

<https://sheelanagig.org/#SheelaBinstead.htm>